

EXPOSIÇÃO

EM “SONETOS VISUAIS” A LIBERDADE POÉTICA DE SHAWNKE

Ousado, irreverente e criativo, o artista transitou pelos mais variados movimentos de seu tempo, dando a eles uma leitura pessoal que marca a originalidade de sua trajetória

MARIA AMÉLIA BULHÕES ABCA/RIO GRANDE DO SUL

Tags: schwanke; sonetos visuais, museu de arte contemporânea luiz henrique schwanke, sandra makowiecky, maria amélia bulhões.

Este é sem sombra de dúvidas um dos importantes nomes da arte contemporânea no Brasil. Falecido muito jovem, deixou uma ampla e diversificada produção, onde explorou inúmeras problemáticas do campo artístico. Ousado, irreverente e criativo, o artista transitou pelos mais variados movimentos de seu tempo, dando a eles uma leitura pessoal que marca a originalidade de sua trajetória. Circulando por diferentes vertentes, ele se manifesta um criador múltiplo e versátil em seu fazer e seus interesses. Para preservar e difundir este legado, foi criado, em 2002, em Joinville, sua terra natal, o Museu de Arte Contemporânea Luiz Henrique Schwanke.

Entre as inúmeras atividades desenvolvidas pelo Museu, além da grande mostra retrospectiva realizada em 2021 no Museu Oscar Niemeyer, MON, encontra-se o lançamento do livro dedicado ao projeto “Destaque”, lançado na exposição *Sonetos Visuais*, recentemente inaugurada no Museu da Escola Catarinense, MESC. Para a realização deste projeto, três críticas de arte foram convidadas a

se debruçar sobre a coleção da família e escolher uma obra ou um conjunto delas para realizarem a curadoria de uma exposição. A primeira delas, Dalva Alcântara, focou o livro de artista; a segunda, Maria José Justino, abordou sua experiência construtiva minimalista, e a terceira sou eu, Maria Amélia Bulhões, que me detive em um original conjunto de sonetos. O livro, com apresentação de Sandra Makowiecky, além de contar com textos das três curadoras, apresenta o material pedagógico do projeto.

Proposta para ser itinerante, a exposição *Schwanke: Sonetos Visuais* foi, originalmente, apresentada na Galeria Municipal de Arte Victor Kursancew, de Joinville, em novembro de 2021, e posteriormente, em abril de 2022, no MESC, em Florianópolis. Cada exposição apresentou uma versão diferente de montagem, adaptada ao espaço disponibilizado, mas as duas contaram com o original “soneto”, montado com as 98 obras realizadas sobre folhas de revistas.

A mostra propõe abordar a obra do artista Luiz Henrique Schwanke sob



Fig. 1: Capa do livro. Imagem: divulgação.

O ARTISTA TINHA ESPECIAL INTERESSE PELA POESIA CONCRETA, POR SEU CARÁTER EXPERIMENTAL EM QUE ARTICULA ASPECTOS DA IMAGEM E DA PALAVRA A PARTIR DO ESPAÇO FÍSICO DO SEU SUPORTE, QUE PODE SER A FOLHA DE UM LIVRO OU UM OUTRO QUALQUER OBJETO...

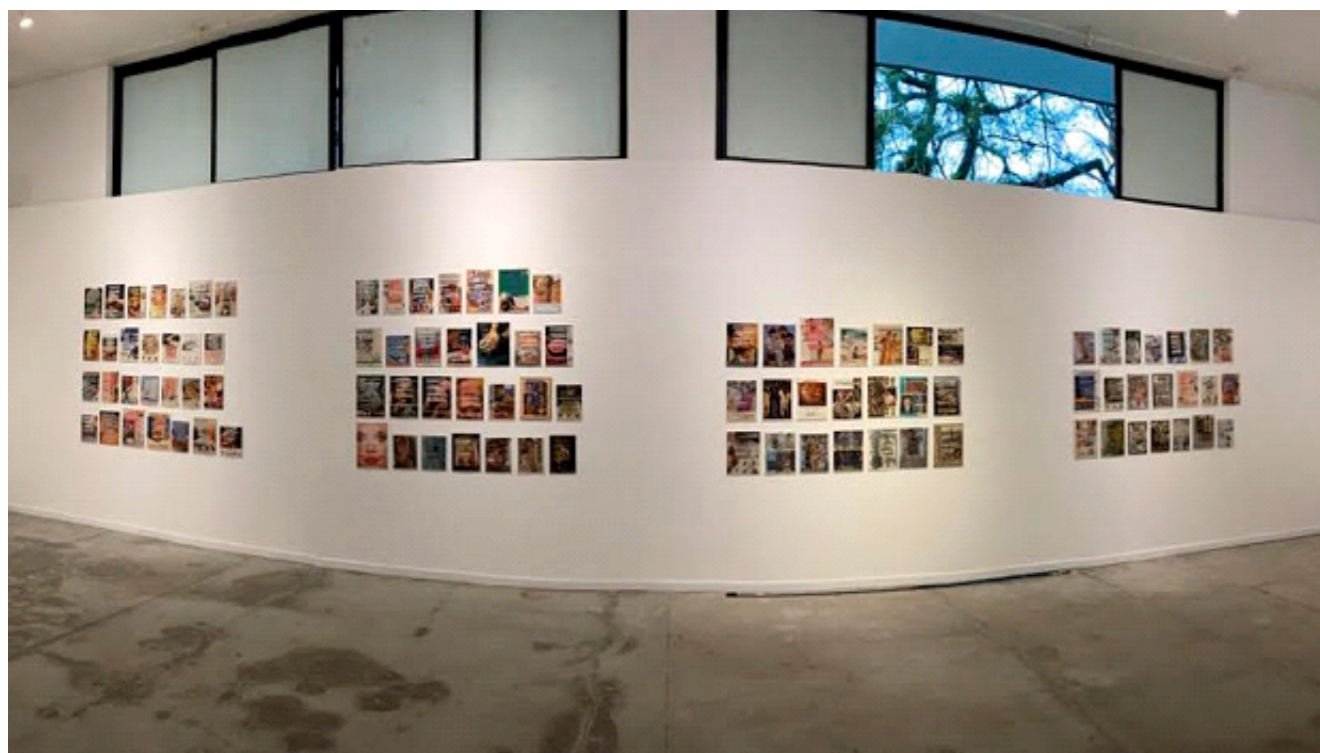


Fig. 2: Exposição Schwanke: Sonetos Visuais. Imagem: Irineu Garcia.

O artista, ao longo de sua carreira, desenvolveu muitos trabalhos em séries, usando a repetição como modo operatório da criação, uma espécie de obsessão em que repete infinitamente uma mesma proposta, com variantes que vão adicionando significados ao conjunto. Este foi o caso de *Sonetos*, que inclui o significativo número de 16 trabalhos realizados com decalcomanias, 200 sobre páginas de revistas e 115 em pintura sobre cartão ou lápis de cor sobre papel. Assim intituladas pelo próprio artista, essas obras evidenciam em sua estrutura uma ordenação que segue a elaboração métrica do soneto, compostas todas elas de 14 linhas horizontais, organizadas em dois quartetos e dois tercetos.

O artista tinha especial interesse pela poesia concreta, por seu caráter experimental em que articula aspectos da imagem e da palavra a partir do espaço físico do seu suporte, que pode ser a folha de um livro ou um outro qualquer objeto. Possivelmente duas vertentes literárias, o simbolismo de Cruz e Souza, que muito admirava, e os poetas concretistas, foram as fontes

de sua série *Sonetos*. Pode-se dizer que há nesses trabalhos uma explícita referência à forma clássica do poema e uma importante conexão com a poesia concreta, na medida em que apresenta uma proposta visual que exige para sua fruição que o espectador estabeleça relações entre os diferentes elementos de sua constituição. Em sua construção, utiliza suportes e materiais pouco valorizados no campo artístico, como folhas de revistas ou figurinhas decorativas de decalque, além do desenho e da pintura, meios de expressão mais tradicionais, interconectando o consagrado e o marginal. Aliás, o artista dizia que “arte é qualquer coisa”, considerando que o sentido da arte se construía no pensamento que articula e não na materialidade de sua realização.

Foram destacadas na apresentação desta série *Sonetos* três tipologias de produção, sem uma preocupação cronológica, uma vez que o que interessa é explorar as diferentes resoluções adotadas para o mesmo objetivo: compor sonetos visuais.

Em sua primeira tipologia, de 1979,



Fig. 3: Exposição Schwanke: Sonetos Visuais. Imagem: Irineu Garcia.

produziu um menor número de trabalhos, com decalcomanias, um tipo de adesivo de transferência aplicado sobre uma superfície para decorar papéis,

porcelana ou vidro, muito utilizado algum tempo atrás, no processo de standardização das práticas de produção gráfica. Bastante difundido



Fig. 4: Luiz Henrique Schwanke, *Sonetos*. Imagem: Irineu Garcia.

também nos cadernos escolares, eles têm um aspecto um pouco *naïf*. Nesse conjunto de obras, a sequência de inúmeros desses adesivos compõe as linhas dos versos, são figuras

de flores, insetos e outros animais, como peixes ou sapos, e em cada trabalho é colocado somente um tipo de figurinha.

Uma outra tipologia, na qual está inserida a maioria dos trabalhos, tem como suporte folhas de revistas. Neles predominam imagens publicitárias, sobre as quais as linhas referentes à estrutura do soneto foram pintadas com tinta guache e purpurina. O uso desse suporte identifica sua ligação com a publicidade, área em que estava trabalhando naquele momento, e talvez tenha sido sua forma de trazer a poesia para esse meio. Nesse conjunto chama a atenção a presença dominante de mãos, em geral segurando algo ou apontando com o dedo, assim como imagens de frutas e figuras humanas. Também são observadas palavras escritas no entorno de algumas páginas (Cantunoo, Antínoo e raupe) ou mesmo nomes (Charles e Pintor Fernando Veloso). As linhas dos versos são traçadas sobre a página em cada uma dessas cores: preto, branco, marrom, azul e dourado e prateado com purpurina. Outro elemento que chama a atenção é uma sequência de XO XO XO que aparece em alguns trabalhos, talvez uma referência ao Jogo da Velha. Todos esses elementos dão a esse conjunto de obras um sentido

de cartas cifradas que o espectador precisa desvendar. Uma linguagem em que o erotismo e elementos de crítica social são evidenciados na escolha da imagem de fundo e de alguns acentos colocados sobre o texto e a imagem.

É IMPORTANTE CONTEXTUALIZAR QUE ESSA PRODUÇÃO FOI REALIZADA EM UM PERÍODO DA HISTÓRIA BRASILEIRA BASTANTE COMPLEXO. NO FINAL DA DÉCADA DE 1970 O PROJETO POLÍTICO AUTORITÁRIO, CONCENTRADOR DE RENDA, QUE FOI RESPONSÁVEL PELO GRANDE DESENVOLVIMENTO DO MERCADO DE ARTE NO BRASIL, COMEÇOU A REVELAR SUAS FISSURAS...

Na última tipologia, realizada em 1985, foi onde desenvolveu um menor número de trabalhos, utilizando a pintura em guache e vinil sobre cartão ou lápis sobre papel, em uma prática artística mais tradicional. Nelas, observa-se o aspecto gestual e expressivo das linhas que as aproxima de sua produção mais conhecida, os *linguáruos*. Para a exposição foram selecionados três deles, com um fundo azul ultramarino sobre os quais

pintou os versos em amarelo e branco, com a tinta escorrendo, de uma forma nitidamente centralizada e com uma barra embaixo tipo piso ou base. De todo o conjunto, é sem dúvida a mais pictural, aproximando-se bastante dos trabalhos em linha neoexpressionista que vai desenvolver a seguir ao longo dessa década.

É importante contextualizar que essa produção foi realizada em um período da história brasileira bastante complexo. No final da década de 1970 o projeto político autoritário, concentrador de renda, que foi responsável pelo grande desenvolvimento do mercado de arte no Brasil, começou a revelar suas fissuras, inaugurando um processo de luta pela abertura política. Um importante fator mobilizador, nesse momento, foi a movimentação popular que clamava pelas “Diretas Já”, estimulada pelo afrouxamento da ditadura militar que vigorava no País desde o golpe de 1964. Mergulhados nessa ebulição, que movimentava o País de norte a sul e de leste a oeste com caravanas de políticos e grandes comícios, os jovens recém-saídos de escolas de arte exploram linguagens

e temas mais espontâneos, pessoais e engajados na realidade. De dentro desse contexto de enfraquecimento da repressão política e da censura emergiu uma produção cultural mais ousada e irreverente. A eclosão da chamada Geração 80 veio no bojo dessas novas condições da sociedade brasileira, assim como do processo de internacionalização acelerado do meio de arte, que atualizava a produção local com os movimentos da *transvanguarda* italiana, da *bad painting* norte-americana e do *neoexpressionismo* alemão. Os artistas que se destacaram nos anos 80 fazem parte de uma geração nascida após o fim da Segunda Guerra Mundial e em meio à guerra fria. Eles se nutriram da indústria cultural de base norte-americana que entrou avassaladoramente no País durante os anos 70. Seu universo visual e imagético era permeado pela televisão, pelo cinema, pelas revistas de grande circulação, pelos quadrinhos e super-heróis, veiculados pelos meios de comunicação de massa. Schwanke, que fez parte dessa geração, sempre esteve atento ao que se passava no campo artístico nacional e mesmo

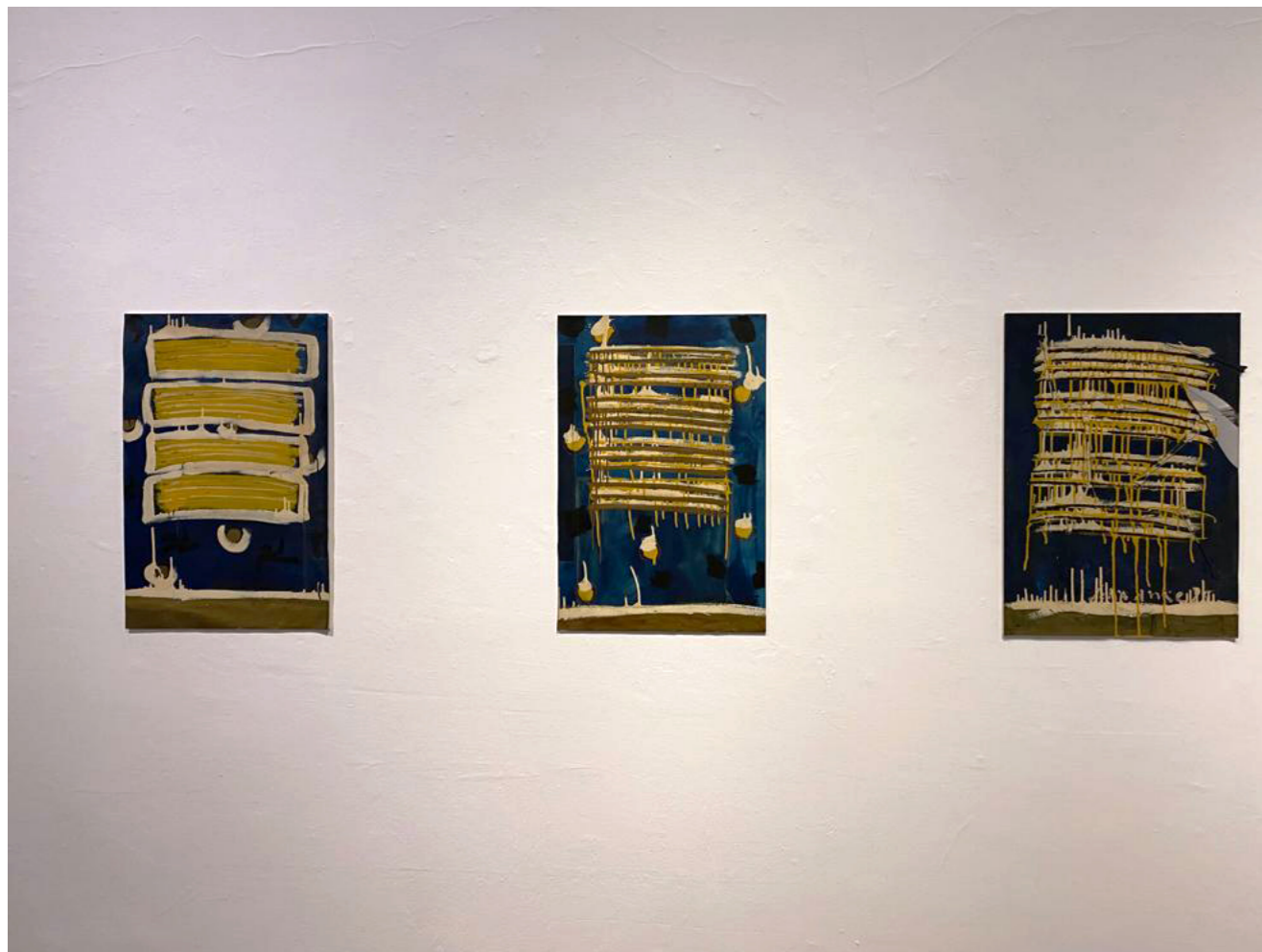


Fig. 5: Luiz Henrique Schwanke, *Sonetos*. Imagem: Irineu Garcia.

internacional, trabalhando a partir dessas condições.

Esta série traz forte ligação com a *pop art* no uso de materiais gráficos

como suporte e a repetição/seriação no processo produtivo. Estabelece um diálogo com a *arte povera*, movimento de origem italiana que preconiza a

efemeridade do objeto artístico, utilizando materiais simples e banais. Também se articula à tradição da poesia concreta, ao dar uma configuração geométrica à linguagem literária. Produção anterior ao desenvolvimento dos trabalhos pelos quais alcançou repercussão nacional, dentro da Geração 80, ela é menos conhecida e analisada. Entretanto, pela sua originalidade e a sua complexidade pode ser considerada um momento importante de sua formação, na gestação de sua poética, e uma contribuição para a compreensão da trajetória deste grande artista.

SERVIÇO

Mostra “Schwanke: Sonetos Visuais” em cartaz no Museu da Escola Catarinense, Rua Saldanha Marinho, nº 196, Centro, Florianópolis. Pode ser vista até 28 de maio. Aberta de segunda a sexta-feira, das 13h às 19h, e sábados, das 10h às 14h. Entrada Gratuita. Mais informações podem ser obtidas no site: www.schwanke.org.br

REFERÊNCIAS

GUERREIRO, Walter de Queiroz. *Schwanke: rastros.*, Belo Horizonte, C/Arte, 2011.

LAMAS, Nadja de Carvalho. Revisitando “na” e “da” obra de Schwanke, Tese de doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2005.